

Coorientação: uma experiência além da pós-graduação

Quando falamos em pós-graduação *stricto sensu* (mestrado e doutorado), comumente pensamos em artigos, apresentações de trabalho, eventos, tese, dissertação, estágio de pesquisa e docência, atividades que já exigem do aluno-pesquisador dedicação, esforços e, principalmente, tempo. Contudo, existe uma outra experiência pouco difundida na pós-graduação (e ainda assim muito comum na carreira universitária): a orientação de pesquisa. A orientação de pesquisa em diferentes níveis (IC Ensino Médio, graduação, mestrado, doutorado e pós-doutorado) constitui uma das principais atividades de professores universitários, mas não é um tópico muito abordado durante o percurso formativo na pós-graduação. Certamente, diante de tantas exigências a serem cumpridas em um prazo curto, essa atividade não deve ser uma preocupação central para o aluno-pesquisador. E tampouco se trata disso. Aqui, a questão é que uma atividade tão recorrente e comum na carreira de docente universitário talvez mereça estar, ao menos, no horizonte do pós-graduando, afinal é uma prática que não se adquire de uma hora para outra. É desse ponto de vista que a experiência de coorientação surge como uma proposta pertinente, em especial, para doutorandos. A chance do pós-graduando de *acompanhar* (não se trata de assumir as responsabilidades) o orientador em reuniões de pesquisa de iniciação científica a nível de Ensino Médio e graduação poderia ser uma forma benéfica de introduzir doutorandos na atividade de orientação, sem que se torne mais uma obrigação, dentre várias, a sobrecarregar o aluno-pesquisador. Em particular, a vivência de acompanhar e participar, junto ao orientador, de reuniões de orientação de Iniciações Científicas de Ensino Médio permite desenvolver, por exemplo, didática (diferente da de uma aula), tomada de decisão para os caminhos mais adequados para o desenvolvimento de pesquisa, auxílio na elaboração de critérios metodológicos, organização planejamento do tempo na pesquisa pessoal e do orientando, habilidade no relacionamento interpessoal no âmbito acadêmico, corrigir, ensinar e reconduzir de forma humana e respeitosa, entre outras aptidões, as quais são fundamentais para o exercício da orientação de pesquisa. Tal experiência, por fim, ainda contribui para a reflexão sobre o “ser orientador”, isto é, sobre como agir, qual postura adotar, o que se esperar quando for a “nossa vez”, o que faria de diferente etc. Isso sem dúvida oferece um amadurecimento não apenas enquanto pesquisador, mas também humano ao aluno de pós-graduação. Por conseguinte, faz-nos pensar na possibilidade de incluir essa

opção ao percurso formativo do aluno de pós-graduação, sobretudo de doutorandos, que estão mais próximos de ingressar nessa posição na universidade.